

REFORÇANDO LAÇOS E COMPROMISSOS

Num momento em que não se fala mais que beijo na boca não transmite o HIV, que picada de mosquito também não, que abraço não machuca ninguém, que dividir talheres e esperanças muito menos, é surpreendente constatar a quantidade de dúvidas que ainda existe a esse respeito. Desinformação? Má divulgação? O fato é que precisamos estar atentos para não esquecer que, por aqui, repetir nunca é demais. Retrocesso? Falta de perspectiva? Muito pelo contrário.

Baseados na experiência de estarmos de 15 em 15 dias no programa **É de Manhã**, da TVE do Rio de Janeiro, discutindo e esclarecendo questões relativas à epidemia de HIV / AIDS colocadas diretamente pelos telespectadores, acreditamos que muita coisa precisa ser novamente dita. Para isso, inauguramos nesta edição do **Boletim ABIA** a seção “Esclarecendo sua dúvida”, com informações sobre vasectomia e eficiência da camisinha, bastante solicitadas no programa.

Assim, retomando temas tão antigos quanto presentes, voltamos a falar de descaso e indignação: Jorge Beloqui (NEPAIDS/USP), em entrevista exclusiva; comenta as atuais políticas governamentais e não-governamentais de AIDS e a situação das pessoas HIV positivas no Brasil. Voltamos a falar de saúde e negritude: montada na Lapa (RJ) desde setembro passado, a Barraca da Saúde, projeto da ABIA desenvolvido em parceria com o Grupo Cultural Afro-Reggae, é um sucesso junto às comunidades afro-brasileiras. Voltamos a falar de direitos e cobranças: o Grupo Arco-Íris, de Brasília, assina artigo sobre os projetos de lei a respeito da AIDS no Congresso Nacional. Voltamos a falar de encontros e parcerias: conferências em Santiago, Vancouver, Paris, encontro nacional de ONGs, em São Paulo, seminários sobre tratamentos e assistência em HIV/AIDS e sobre AIDS e saúde reprodutiva, no Rio de Janeiro.

Num momento em que não se fala mais que pegar na mão só faz bem, que acariciar não faz mal algum, que estar junto altera apenas libido, insistimos na mesma tecla de sempre: é preciso que as informações cheguem a todos. O momento é de somar. Passado + presente pode ser uma experiência futura satisfatória e digna.

ACONTECENDO

ABIA: MUDANÇAS NA DIRETORIA E NO CONSELHO DE CURADORES

Nestes quase 10 anos de existência, a ABIA vem regularmente contando com a presença e o apoio de sua Diretoria, bem como de seu Conselho de Curadores, formado por profissionais das mais diversas áreas. Em setembro de 1995, a Diretoria passou por modificações e o Conselho ganhou novos integrantes:

Diretoria - Diretor presidente: Herbert de, Souza (Betinho); diretor vice-presidente: Sônia Corrêa; secretário geral: Richard Parker. Estes, ao lado dos integrantes do Conselho Fiscal, também compõem o Conselho de Curadores da ABIA.

Conselho de Curadores - Bernardo Galvão, Caio Fábio D'Araújo Filho, Carlos Alberto Afonso, Elizabeth Moreira dos Santos, Francisco Bastos, Jorge Beloqui, José Loureiro, José Luiz Moreira Guedes, Kenneth R. Camargo, Leon Zonenschain, Marcia Rachid, Maurício Lissovsky, Mauro Schechter, Nádia Rebouças, Paulo Buss, Regina Maria Barbosa, Rubem César Fernandes, Sergio Carraras e Walber Vieira.

BOLETIM ABIA: DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Gostaríamos de reiterar que o Boletim ABIA é distribuído gratuitamente, não podendo ser vendido ou comercializado. Além disso, a ABIA não possui pessoas autorizadas a angariar fundos ou doativos para a realização de suas atividades ou daquelas que esteja apoiando.

VIII ENCONTRO NACIONAL DE ONGs/ AIDS

De 3 a 7 de abril acontecerá em São Paulo o VIII Encontro Nacional de ONGs/AIDS, com o objetivo de enfocar tópicos como assistência às pessoas com HIV/AIDS, pesquisas em AIDS, o papel do Banco Mundial na política nacional de AIDS, além de possibilitar espaço para que as entidades apresentem trabalhos. O evento está sendo organizado por uma comissão que reúne GAPA/CE, APTA/SP, NOSS/RJ e GAPA/SP. Informações, contatar GAPA/CE: Av. Imperador, 1333 - Centro - Fortaleza - CE. Telefax: (085) 253-4159.

MARCOS ANTÔNIO CORREIA

É com bastante pesar que comunicamos o falecimento de Marcos Antônio Correia, nosso querido companheiro de trabalho. Marcos, que trabalhava no setor administrativo da ABIA, faleceu por problemas decorrentes de AIDS, em dezembro de 1995, deixando muitas saudades em todos nós.

EM MARÇO, UM ENCONTRO MARCADO: SEMINÁRIO SOBRE TRATAMENTOS E ASSISTÊNCIA EM AIDS

A ABIA, contando com o apoio do Pela VIDDA/SP e de Jorge Beloqui, integrante do Núcleo de Estudos e Prevenção à AIDS da Universidade de São Paulo, promoverá, nos dias 25 e 26 de março de 1996, no Rio de Janeiro, o **Seminário sobre Tratamentos e Assistência em HIV/AIDS**.

O principal objetivo do evento, apoiado pela EZE, é procurar traçar o panorama atual destas questões no cenário brasileiro. Para isso, estão sendo convidados especialistas para discutir e esclarecer pontos importantes em relação a tratamentos e assistência em HIV/AIDS.

Os temas das mesas-redondas já estão definidos: *panorama geral sobre medicamentos e procedimentos de diagnóstico; pesquisas em andamento: antivirais; protocolos de pesquisa e ética; Laboratório e indústria farmacêutica; AIDS e planos de saúde; política de assistência e cuidados, segundo pessoas que estão vivendo com H/V/AIDS.*

Os interessados em participar devem entrar em contato com a ABIA o mais rápido possível, já que as vagas são limitadas em razão da capacidade (aproximadamente 50 lugares) onde será realizado o evento.

Informamos que a participação no seminário é gratuita, mas os interessados deverão arcar com as suas próprias despesas.

XI CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE AIDS E FÓRUM COMUNITÁRIO INTERNACIONAL

De 7 a 12 de julho de 1996 acontecerá a XI Conferência Internacional de AIDS, em Vancouver, Canadá. Antes, porém, nos dias 5 e 6 de julho, será realizado o Fórum Comunitário Internacional. Os interessados em participar deste evento específico devem, inicialmente, escrever ao coordenador do Fórum, solicitando informações, à medida que será necessário fazer uma inscrição prévia.

É importante ressaltar que o pedido de inscrição para o Fórum não garante que os organizadores providenciem apoio financeiro, seja para participar do Fórum ou da Conferência.

Recomendamos aos interessados, principalmente àqueles que não receberam a correspondência oficial da Conferência, escrever o mais rapidamente possível para obter maiores informações. As cartas podem ser escritas em espanhol, inglês ou francês.

Informações sobre o Fórum Comunitário Internacional:

Ken Morrison
Coordenador do Fórum Comunitário
XI Conferência Internacional de AIDS
1090 West Pender, 11 th Floor
Vancouver, British Columbia
V6E 2N7

AVALIANDO "A DECLARAÇÃO DE PARIS"

Acontecerá em Paris, de 11 a 13 de janeiro de 96, um encontro que reunirá participantes do GNP+, ICW, ICASO, ILGA, ONGs que estão no Conselho do UNAIDS e mais a ONG francesa AIDES. Este encontro busca dar continuidade à reunião de dezembro de 1994, também em Paris, por ocasião do Dia Mundial de Luta contra a AIDS.

A reunião de 94, amplamente noticiada na imprensa, reuniu representantes de mais de 40 países que, na ocasião, assinaram uma declaração que tinha, como um dos pontos principais, buscar formas que possibilitassem o maior envolvimento das pessoas com HIV / AIDS nas políticas de AIDS. O Brasil foi um dos países que esteve presente ao encontro e assinou o documento, que ficou conhecido como "A Declaração de Paris".

O principal objetivo do encontro de janeiro de 96 será avaliar como "A Declaração de Paris" está sendo implementada e se os compromissos estão sendo cumpridos, principalmente no que diz respeito ao maior envolvimento das pessoas com HIV / AIDS nas políticas nacionais, regionais e globais de AIDS. Outro objetivo é tentar fazer com que mais países assinem "A Declaração de Paris" e que cumpram as metas estabelecidas.

REPASSANDO INFORMAÇÕES SOBRE UNAIDS

Através das suas publicações a ABIA vem buscando fornecer às ONGs brasileiras informações sobre o novo programa global de AIDS. Com uma estrutura que integra seis organismos das Nações Unidas (Banco Mundial, FUNUAP, OMS, PNUD, UNESCO e UNICEF) o novo programa, que oficialmente terá início em janeiro de 1996, chama-se **UNAIDS/Joint United Nations Programme on HIV/AIDS** e está sendo dirigido pelo Dr. Peter Piot. Várias novidades marcam este novo programa, como por exemplo a participação de ONGs no conselho criado para assessorar seu diretor.

Formado por 22 países, as seis agências acima citadas e mais 5 ONGs (da África, América do Norte, Ásia/Pacífico, Europa e América Latina e Caribe), este conselho está previsto para se reunir uma vez por ano em Genebra: a próxima reunião está marcada para junho próximo. No caso das organizações não-governamentais, cada região tem uma ONG suplente – mas somente a titular participa da reunião-, sendo a ABIA a suplente para a região da América Latina e Caribe. A ONG titular desta região é do Chile, cujo representante é Luis Gauthier.

Um compromisso das ONGs que atualmente compõem o conselho é buscar canais de informação para as ONGs a nível regional e global. Todos concordam que os mecanismos de escolha das ONGs para o conselho devem ser mais conhecidos e as consultas ampliadas.

Em termos de divulgação de notícias sobre UNAIDS para a região da América Latina e Caribe está sendo feitas uma relação de ONGs que têm boletim. A intenção é enviar para elas um resumo dos principais pontos discutidos na reunião de Genebra para, com isso, mais pessoas terem acesso às informações. Uma das dificuldades enfrentadas pelas ONGs que estão no conselho do UNAIDS é não possuírem recursos para gastos com comunicação. Neste sentido, uma das solicitações é que Genebra fique responsável por traduzir e distribuir para as ONGs de todas as regiões o informe das reuniões.

Outra novidade que UNAIDS apresenta é a criação de duas novas funções que dizem respeito aos grupos comunitários: Noerine Kaleeba, de Uganda (da ONG TASO), está responsável pela unidade **Mobilização Comunitária**; uma outra pessoa será responsável pela ligação com as ONGs. Até o momento que fechamos esta edição a pessoa responsável por esta unidade ainda não havia sido escolhida.

Esta reestruturação a nível global também deverá levar, a médio e longo prazos, as reestruturações a nível nacional e regional. No caso do Brasil, o Programa Nacional de DST/AIDS ainda não se pronunciou a respeito.

Solicitamos que entidades que queiram enviar sugestões sobre os pontos mencionados, por favor dirijam suas correspondências para Jane Galvão, coordenadora geral da ABIA. Caso a sua entidade deseje receber mais informações sobre UNAIDS, pode escrever diretamente para Genebra:

UNAIDS

20, Avenue Appia

CH – 1211 Geneva

Switzerland

Fax: (00 41 22) 79148801

BARRACA DA SAÚDE

O QUE QUE A BARRACA TEM?

JACINTO CORRÊA
Jornalista

Camisinha de graça tem. Informação sobre HIV/AIDS e saúde tem. Muita música, dança, confraternização também...requebros e quitutes que a comunidade negra faz como ninguém.

É nesse clima positivo que a **Barraca da Saúde**, parceria firmada entre a ABIA e o Grupo Cultural Afro-Reggae, vem funcionando desde setembro passado, sendo montada todas as sextas-feiras, a partir das 19h, na Lapa - Rua Mem de Sá, 37, na Federação de Blocos Afro e Afoxés do Rio de Janeiro (FEBARJ).

"Idealizei este projeto em razão das comunidades afrobrasileiras não receberem qualquer tipo de atenção em relação à AIDS, principalmente em termos de campanhas de educação e prevenção, o que sem dúvida alguma contribui em muito para o crescimento atual da epidemia de HIV/AIDS nestas comunidades", analisa José Marmo da Silva, coordenador do projeto.

Na realidade, esta indiferença dificulta a sensibilização das comunidades afro-brasileiras quanto ao HIV e à AIDS, criando uma sensação que Marmo define como "este não é um assunto nosso", exatamente por não representá-las. Paralelamente a todo esse panorama, pesquisas confirmam que a infecção pelo HIV continua crescente nos subúrbios e periferia do Rio de Janeiro, onde a maioria da população é negra.

Para o coordenador do projeto, tornou-se urgente criar alternativas atraentes de conscientização e auto-estima: "A certeza, que eu tinha é que era preciso falar sobre a AIDS utilizando a linguagem do negro, que é música, dança, festa, cor, religiosidade. Caso contrário, seria mais uma tentativa frustrada. Aí, idealizei a Barraca da Saúde que, graças aos deuses, vem sendo um sucesso".

O "batismo" da Barraca aconteceu em setembro, tendo como padrinhos o poeta Waly Salomão, a ialorixá Beata de Iemanjá, Dona Zica, da Mangueira, e Tia Cotinha, da Associação das Baianas de Acarajé do Rio de Janeiro, personalidades de destaque no mundo afro-brasileiro. A inauguração contou, ainda, com a participação de diversos blocos afro-cariocas, baianas de escolas de samba, grupos de *rap*, como também com a distribuição de camisinhas durante toda a noite. Superlotadas, as dependências da FEBARJ receberam cerca de 600 pessoas, entre elas os tradicionais frequentadores da Lapa.

LAPA, MANGUEIRA, BRASIL

A Lapa foi escolhida para funcionar como a base da Barraca por ser, antes de mais nada, um ponto de encontro da população negra e de pessoas de baixo poder aquisitivo, que querem se divertir e transar. Bairro vizinho ao Centro da cidade, a Lapa está entre os locais de maior incidência de transmissão do HIV / AIDS no Rio de Janeiro, segundo estatísticas recentes.

O fato é que a Barraca da Saúde e suas sempre renovadas atrações - como a presença constante do som do DJ Teko Rastafari - já estão incorporadas às noites da Lapa, sendo visitadas também por gays, travestis e prostitutas que moram ou mantêm suas atividades por ali. Segundo Marmo, isso vem possibilitando a troca e a coleta de informações, o que é essencial para melhorar a qualidade do trabalho desenvolvido.

A Barraca vem possibilitando também outros contatos interessantes, como o convite para a participação do seu coordenador no ciclo de debates **Presença Afro-Brasileira no Rio de Janeiro**, promovido pelo Grupo NEGRHOJE. Convidado para participar da mesa de abertura, Marmo falou do projeto e da importância de trabalhar aspectos da saúde ligados à cultura. No evento, para não perder o hábito, foram distribuídos preservativos e folhetos educativos.

Um dos pontos altos da Barraca em 1995 foi a sua presença no Dia Nacional do Samba, quando foi desenvolvido um trabalho específico sobre prevenção da epidemia de HIV / AIDS para sambistas. O evento aconteceu na quadra de ensaios da Estação Primeira de Mangueira, em dezembro, contando com o apoio e participação de mangueirenses ilustres, como Alcione, Dona Zica, Dona Mocinha, Mestre Delegado, Dona Neuma, Velha Guarda da Mangueira, Jorge Matias, entre outros.

"Realmente foi um sucesso. O projeto foi muito bem aceito pela comunidade, e esperamos repeti-lo em outros locais de grande concentração negra. Essa é urna das vantagens da Barraca: ser móvel, podendo ir aonde as pessoas estão. Começamos pela Lapa, mas já estamos nos organizando para criar novos pontos em favelas como Vigário Geral e Mineira, em bailes *funk*, grupos de capoeira etc. Além disso, temos pianos de montá-la em outros locais do Brasil", informa Marmo.

CALENDÁRIO DO POVO NEGRO

Para 1996, os planos são bastante variados, com a Barraca estando presente em todos os festejos do calendário do povo negro. Para começar bem o ano, nada melhor que saudar Iemanjá em sua festa que acontece em várias partes de todo o Brasil no dia 2 de fevereiro. A Barraca se fará presente no Rio de Janeiro, durante o cortejo das oferendas à rainha do mar, distribuindo preservativos e folhetos, quando estará lado a lado com diversos grupos que desenvolvem trabalhos ligados à cultura afrobrasileira. "Traçamos uma estratégia não só de prevenção mas também de reforço dos laços de amizade e credibilidade com as diversas facções da comunidade negra", comenta o coordenador do projeto que, há algum

tempo, desenvolveu o projeto Odô-Yá! - sobre prevenção de HIV/AIDS nos terreiros de candomblé - no Instituto de Estudos da Religião (ISER).

Também no início de 1996 começará a ser formado o Bloco da Saúde, com pessoas ligadas ao mundo afro-brasileiro interessadas no trabalho de sensibilização e prevenção da epidemia de HIV/AIDS. A idéia é montar a Barraca no Terreirão do Samba, tradicional reduto do povo negro carioca, em fevereiro, durante o carnaval.

Tão importante quanto a alegria e a descontração que se encontra numa visita à Barraca da Saúde é a constatação da necessidade de projetos como este na cidade do Rio de Janeiro. "É impressionante como as pessoas vêm procurar informação sobre a AIDS, o que demonstra, por um lado, conscientização e, por outro, muitas vezes, a total falta de conhecimento a respeito de uma epidemia tão devastadora como essa. Mas acredito que estamos cumprindo um papel importante, conseguindo falar a linguagem das comunidades afro-brasileiras no sentido de repassar informação e solidariedade", analisa Marmo.

TROCANDO IDÉIAS COM JORGE BELOQUI

POR VERIANO TERTO JR.
Coordenador da Área de Projetos da ABIA

DONOS DA PRÓPRIA VOZ

Sempre presente às principais discussões sobre a epidemia de HIV/AIDS no Brasil, Jorge Beloqui foi um dos fundadores do Pela VIDDA-SP, sendo atualmente integrante do Núcleo de Estudos e Prevenção à AIDS da Universidade de São Paulo (NEPAIDS/USP), do Comitê Estadual de Vacinas (SP) e do Conselho de Curadores da ABIA. Ao longo desses anos, Beloqui vem atuando em diferentes campos e construindo um importante acervo de informações e opiniões sobre o assunto. Nesta entrevista, Beloqui comenta a situação atual das pessoas HIV positivas no Brasil e as políticas governamentais e não-governamentais a respeito da epidemia.

Como você avalia o cotidiano de uma pessoa com AIDS no Brasil?

Em relação ao atendimento a situação é bastante problemática, agravada pela falta ou fornecimento irregular de medicamentos e pelas dificuldades de se realizar exames. Outra questão crucial em termos de assistência é a interrupção do acompanhamento médico: muitas vezes as pessoas, quando necessitam de internação, passam a receber cuidados de outros médicos e em outro hospital ou posto de saúde que não aquele onde iniciaram seus tratamentos, não havendo qualquer relação entre os dois locais e, conseqüentemente, não havendo uma retrato fiel da situação do paciente.

Junte-se a isso a dificuldade em conseguir uma cópia do prontuário, apesar do artigo 70 do Código de Ética Médica garantir esse acesso. Eu mesmo já tive que citar este artigo no Hospital do Servidor Público Estadual de São Paulo. (HSPESP). Aliás, a situação em todo o país está terrível. Conseguir vaga num hospital é quase impossível, há leitos desativados por falta de pessoal e as verbas para a saúde cada vez diminuem mais. A prefeitura de São Paulo, por exemplo, tem pouquíssimo compromisso com a saúde pública e com os doentes de AIDS em particular. Talvez seja por isso que no Estado de São Paulo a sobrevivência das pessoas HIV positivas seja de 11 meses, enquanto em São Francisco, Califórnia, seja de 43 meses.

Qual o lugar do soropositivo nas políticas de AIDS?

Acredito que a nós caiba avaliar Os serviços de saúde e a atuação das instituições governamentais e não-governamentais que trabalham com AIDS. Atualmente o Centro de Referência e Treinamento em DST/AIDS da Secretaria Estadual de Saúde de São Paulo (CRT-AIDS) pretende estabelecer um grupo de usuários para acompanhar os serviços. Esta iniciativa poderia ser seguida por vários hospitais e ONGs/ AIDS. A queixa que apresentei

ao HSPESP, por escrito, em fevereiro de 1995, está até hoje sem resposta. Eu diria que enquanto usuários, enquanto pessoas em cujos corpos se desenvolve a luta contra a AIDS, corresponde o lugar de opinar sobre o que está sendo feito para nós ou em nosso nome. Acho necessária a presença de soropositivos na Comissão Nacional de AIDS, no Conselho Nacional de Saúde e também supervisionando as instituições de saúde públicas e privadas do país. Da mesma forma que as ONGs/AIDS deveriam ter um conselho só de soropositivos, que avaliasse o trabalho desenvolvido. Afinal de contas somos nós os destinatários de tais serviços e do ativismo, não é mesmo?

Como vê o crescimento, a nível nacional e internacional, do número de organizações, redes etc. de pessoas HIV positivas?

Isso é muito importante para tirar os soropositivos da clandestinidade, para que tenham coragem de procurar ajuda e lutar por seus direitos. Esta clandestinidade pode nos levar a não nos tratarmos, a um prejuízo da nossa saúde e, conseqüentemente, a uma morte mais rápida. O fato de estarmos entre iguais, em grupos, tem muitas vezes um efeito tranquilizador, principalmente no momento em que a pessoa se descobre HIV positiva.

No plano internacional, acho que a Global Network of People Living with HIV/AIDS (GNP+), a Associação PanAmericana de Pessoas Vivendo com HIV e AIDS (APPVA) e a The International Community of Women Living with HIV / AIDS (ICW) servem para estar presentes nos congressos e marcar o ponto de vista das pessoas com HIV. Essas redes devem funcionar como um canal entre estas reuniões e a imensa quantidade de soropositivos, que talvez esteja mais próxima de serviços de saúde e de ONGs/ AIDS. Para isso, um boletim seria indispensável, no sentido de fazer circular mais as informações.

Em que especificamente estas novas organizações podem contribuir no enfrentamento à AIDS?

Denunciando e exigindo políticas apropriadas. Denunciar o descaso, os laboratórios que procuram lucros absurdos às custas de nossa saúde, a falta de pesquisa não-lucrativa e a inexistência de tratamento nos países mais pobres, onde a epidemia apresenta situações ainda mais graves. Será que as atuais pesquisas produzirão medicamentos que serão acessíveis em locais como África Subsaariana, Índia, Sudeste Asiático, América Latina? Enfim, como usuários e destinatários dessas pesquisas temos que atuar exigindo o fácil acesso aos medicamentos.

Como avalia a organização política dos soropositivos em relação a outros movimentos sodas, como grupos gays, feministas, movimento negro etc?

É interessante ver que estes grupos sempre tiveram suas lutas guiadas e realizadas fundamentalmente por eles mesmos, os diretamente afetados pela discriminação. Mas como este tipo de luta muda toda a sociedade, acredito que não possa estar restrita a ações apenas entre os diretamente afetados. Devemos levar em conta a necessidade de uma política de engajamento de outros setores na luta contra a epidemia de HIV / AIDS, com atuação ora dos afetados, ora dos aliados. Para mudar a legislação, por exemplo, é necessário o apoio

dos partidos ou dos deputados e senadores. Recentemente, a presidente do Conselho dos Direitos da Mulher expressou que o aborto não é questão das mulheres, mas da sociedade ao deflagrando a impossibilidade de decidirem legalmente por si sós sobre este assunto. Além disso, colocaram a divisão interna do movimento em torno do tema.

Os movimentos de gays e negros nos Estados Unidos marcam o ápice de uma organização comunitária que provavelmente terá que sensibilizar o restante da sociedade para alcançar seus objetivos. Assim, estas lutas partiriam dos diretamente afetados para atingir toda a sociedade. Já no Brasil a luta contra a AIDS percorre um caminho inverso: vai da generalidade para a diferenciação.

Como integrar soropositivos, políticas governamentais e movimentos sociais de forma a mudar a difícil situação das pessoas com HIV/AIDS?

Hoje já existe um espaço aberto para toda a sociedade, no qual as pessoas com HIV têm a possibilidade de se integrar a uma rede ou a um grupo, por exemplo. E isso é importante para que comecem a ter voz própria: sair da clandestinidade também é se colocar como sujeito de uma fala e de uma ação. Tirar as pessoas da clandestinidade não é um dos objetivos da luta contra AIDS?

Neste sentido, durante o V Encontro Nacional de Pessoas Vivendo com HIV e AIDS, realizado em setembro passado no Rio de Janeiro, o surgimento da Rede Nacional de Pessoas HIV Positivas (RNPHIV+) é um grande avanço. Apesar de ter enfrentado algumas resistências, esta rede recebeu inúmeras manifestações de pessoas sem HIV que se colocaram a favor da organização - da qual não participariam, mas que reconhecem a sua necessidade. Assim, acho que é possível, inclusive, aproveitar esta diferenciação, tendo as duas partes da luta contra a AIDS diferenciadas e envolvidas.

Os grupos anteriormente citados (negros, gays etc.) constroem ou tentam construir uma identidade a partir dos seus estigmas. Por outro lado, se a soropositividade constitui uma marca no nosso corpo é também uma condição mais fraca para a construção de uma identidade, pois não se baseia, na maior parte dos casos, num atributo congênito, como as mulheres e os negros, nem como a homossexualidade num atributo constitutivo de nossa psique ou prática sexual. Ela não é reconhecível por nós ou pelos outros até que adoecemos ou até que seja anunciada por um teste. Sendo esta marca transmissível, torna-se difícil atribuir uma identidade a esta condição. Sobre o estigma, traço eminentemente social.

Por que só agora a RNPHIV+ surgiu no Brasil?

Por vários motivos: 1º) os soropositivos querem começar a ter voz própria nas políticas de AIDS, o que representa um sucesso obtido a partir da mobilização social anterior; 2º) há a necessidade de se congregarem ao redor do estigma. Conviver não é igual a **ter o HIV**: há a marca e a luta que se desenvolvem no nosso corpo, isto é, a experiência física pela qual passamos; 3º) as formas de organização preexistentes, que pretendiam ter uma política pelos direitos destas pessoas, não satisfazem mais às necessidades, isto é, como já dito, conviver e ter o HIV são coisas diferentes que precisam ter espaços diferenciados para

poderem atuar em conjunto; 4º) as formas preexistentes se enrijeceram, perdendo sua plasticidade para incorporar força social viva e criativa, se burocratizaram e seus objetivos iniciais de luta passaram a ter o mesmo nível dos interesses corporativos, do gerenciamento de projetos, do propósito de garantir sua sobrevivência, com todas as seqüelas de luta de poder intra e entre ONGs/AIDS. Neste contexto, a RNPHIV+ fornece a possibilidade das pessoas se engajarem no movimento ser terem que **pertencer** a uma ONG/AIDS; 5º) a RNPHIV+ se organiza em torno do intercâmbio de informações, evidenciando que a troca atual é insuficiente entre as organizações; 6º) ao ser uma rede nacional e transversal às ONGs/AIDS, permite refrescá-las e não estar mediada por uma delas e vivenciar os problemas anteriormente comentados; 7º) ela surge também através da iniciativa das ONGs/AIDS de soropositivos já existentes, o que apresenta uma outra forma de aglutinação que preencheria necessidades sentidas por essas organizações. No entanto, permanece a pergunta: será que nós, pessoas HIV positivas, poderemos nos organizar e dar uma resposta à altura das exigências?

Enfim, acho que para integrar as pessoas soropositivas deve-se estimular e facilitar sua participação em organizações onde desenvolvam processos que as levem a querer ter voz, através de grupos de auto-ajuda, de reflexão etc. Da mesma forma que penso que deveriam também existir grupos de pessoas sem HIV para discutirem a epidemia.

AIDS E CONGRESSO NACIONAL

GRUPO ARCO-ÍRIS (BRASÍLIA-DF)

Com o surgimento da AIDS, na década de 80, muitas ações foram necessárias para tratar das nova doença que apareceu atingindo em cheio a sexualidade humana, e o que é pior, uma faixa de jovens que iniciavam sua vida sexual.

Um doença dessa natureza, que já nasceu carregada de preconceitos, culpas e pecados, demora muito tempo para sensibilizar os governantes – e a sociedade de um modo geral -, pois muitos deles só vêem a AIDS como um problema orçamentário. Lutando contra essa indiferença institucionalizada, muitas pessoas se organizaram em grupos a fim de sensibilizar, conscientizar e promover mudanças na população.

Neste sentido, em 18 de dezembro de 1990, foi criada em Brasília (DF) **A Associação Brasileira de Combate à AIDS - Grupo Arco-Íris**, entidades sem fins lucrativos, objetivando apoiar as pessoas soropositivas, doentes ou não, e aos seus familiares, com assistência social, psicológica e jurídica, assim como assessorar os Poderes Executivo e Legislativo com relação à elaboração de projetos, normas etc, e manter articulação com outras associações congêneres, com vistas a garantir o exercício da plena cidadania aos portadores do HIV ou doentes de AIDS.

Com a estruturação e o desenvolvimento dos trabalhos do grupo, e baseados na experiência de Iaris Cortez, advogada e assessora jurídica do Arco-Íris, sentiu-se a necessidade de uma ação mais permanente e eficaz junto ao Congresso Nacional, com relação às propostas de projetos apresentadas pelos congressistas. Foi assim que nasceu o projeto **AIDS e o Congresso Nacional**, financiado pelo Banco Mundial/Ministério da Saúde e coordenado pelo Grupo Arco-Íris, numa tentativa de manter uma articulação entre o Congresso e os grupos organizados que tratam da AIDS.

PROJETOS E LEIS

Com este objetivo, os parlamentares têm recebido subsídios que visam aperfeiçoar ou criar uma legislação específica que trate de forma diferenciada os indivíduos soropositivos ou doentes de AIDS. Podemos constatar, através de levantamentos e pesquisa de dados, que muitos projetos de lei (PL) já foram incluídos como legislação ordinária, ou como leis especiais, a norma legal que dispõe sobre a obrigatoriedade de comunicação à Saúde Pública dos casos detectados de infecções causadas pelo vírus - PL 8.565/88, de autoria do deputado Leônidas Sampaio. Ou o dispositivo que inclui a AIDS entre as doenças que dispensam o período de carência para a concessão de benefício, especificado na lei 3.807/60 (Lei de Previdência Social), PL823/88, de iniciativa do deputado Michel Temer.

Destacamos também os projetos de lei 037/89 e 478/88, ambos de autoria do deputado Maurílio Ferreira Lima, transformados na lei 7.670, de 8 de setembro de 1988, que estendeu aos funcionários públicos, celetistas e militares portadores do HIV benefícios

trabalhistas e previdenciários, além de autorizar a retirada dos valores do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS), independente da rescisão do contrato de trabalho ou da aposentadoria. Esta lei, de incontestável valor social, redundou na inclusão de tais benefícios no atual Estatuto do Funcionário Público Civil da União (lei 8.112, de 11 de dezembro de 1990) e na nova legislação da Previdência Social (lei 8.213, de 24 de julho de 1991), conforme trabalho de autoria de Iaris Cortez.

Entretanto, nem sempre as proposições apresentadas pelos congressistas têm como finalidade assegurar direitos aos portadores do vírus, pois muitos destes projetos trazem em seu conteúdo verdadeiras discriminações. Podemos citar, a título de exemplo, o PL 2077/89, de autoria do deputado José Camargo, felizmente arquivado, que dizia: "Define as moléstias e doenças incapacitadoras, nos termos do artigo 40, inciso I da Constituição Federal (inaptidão para o trabalho motivado por acidente de trabalho, moléstia profissional, doença psicossomática, doença mental, AIDS, deficiência física e cardiopatia - Regulamentando dispositivos da nova Constituição Federal)". A razão desse projeto, na verdade, não era solucionar o problema da pessoa soro positiva e sim alijá-la do mercado de trabalho e da vida.

NA PAUTA DO DIA

Muitos projetos de lei que estavam tramitando na Câmara dos Deputados, na legislatura passada, foram arquivados por não terem sua tramitação concluída. Na atual legislatura existem aproximadamente 20 projetos em tramitação. Alguns deles foram reapresentados por outros deputados, como foi o caso dos projetos de lei 2.2843/92, do deputado Geraldo Alckmin Filho, que "Dispõe sobre os direitos básicos dos portadores do vírus da AIDS e dá outras providências", reapresentado pela deputada Marta Suplicy sob o número 585/95, com algumas modificações; 4.357/93, do deputado Valdir Ganzer, que institui a obrigatoriedade da veiculação gratuita, pelas emissoras de rádio e TV do país, de mensagens alusivas a formas de prevenção contra a AIDS e dá outras providências", reapresentado pelos deputados Jaques Wagner e Ana Júlia, sob os números 339/95 e 349/95, respectivamente.

Destacamos, por seu caráter abrangente, o projeto de lei 585/95 - cujo relator é o deputado Ayres da Cunha, que já deu parecer a outros projetos de AIDS sempre com voto contrário - sem negar, contudo, que o referido projeto merece aperfeiçoamento em alguns de seus artigos, parágrafos e incisos.

Só para exemplificar: no artigo 4, que garante a questão do anonimato e de não coerção à pessoa que quiser se submeter a exame de verificação do HIV/AIDS, achamos fundamental a inclusão de um parágrafo único a este artigo, com a seguinte redação: "**Toda instituição pública ou privada que oferece serviços de análise laboratorial para detecção do vírus do HIV estará obrigada a um atendimento onde sejam esclarecidas as dúvidas sobre a AIDS, além de aconselhamento pré e pós teste**".

Vale ressaltar, também, os projetos de lei que estão tramitando na área de educação/informação: PL 4751/90, do deputado Elias Murad, e PL 3186/92, do deputado

José Fortunati. O primeiro, coloca a obrigatoriedade do ensino sobre drogas, entorpecentes e AIDS a nível do primeiro e segundo graus de ensino e nos cursos de formação de professores, com ênfase especial nos aspectos científicos da prevenção e da educação sexual. O segundo, torna obrigatória a exibição, nas salas de cinema do país, de filmes informativos sobre AIDS.

Esta iniciativa é de valor primordial no que se refere à conscientização numa fase precoce da vida, objetivando o estabelecimento de um novo paradigma diante não apenas desta mas de muitas doenças de cunho discriminatório que resulta, freqüentemente, no isolamento da pessoa.

Assim, aos poucos, alguns deputados e senadores se sensibilizam com essa problemática, tentando criar leis que incluam, na ordem jurídica, os direitos dos portadores de HIV/AIDS, os quais a sociedade, desinformada, tenta marginalizar.

Finalizando, informamos que em 1996 o Grupo Arco-íris estará distribuindo às organizações que trabalham com o tema, aos congressistas e instituições, jornal informativo sobre todos os projetos de lei que se encontram tramitando no Congresso Nacional.

ESCLARECENDO SUA DÚVIDA

De 15 em 15 dias, sempre às quintas-feiras, a ABIA participa do programa É de Manhã, da TVE do Rio de Janeiro, que vai ao ar diariamente das 8h30 às 9h30, ao vivo e em rede nacional. Ao final do programa, os entrevistados respondem às perguntas feitas pelos telespectadores, via telefone, a respeito do assunto abordado. Por questão de tempo, algumas dessas perguntas não podem ser respondidas. Assim, criamos esta seção para procurar responder às questões mais solicitadas, convidando especialistas para esclarecer as dúvidas e fornecer as informações desejadas.

1) O homem que fez vasectomia pode transmitir o vírus HIV?

Sim. A vasectomia é uma intervenção cirúrgica utilizada para a esterilização do homem, através da qual ligam-se os chamados "canais deferentes" em dois pontos, impedindo que os espermatozoides se unam ao sêmen, ou seja, o homem vasectomizado continua ejaculando, mas não há espermatozoides em seu sêmen.

No caso de ser HIV positivo e de não praticar sexo seguro (uso da camisinha, por exemplo), o homem vasectomizado pode transmitir o HIV, já que o líquido seminal contém células infectadas pelo vírus. Da mesma forma que contém o HIV, o líquido seminal pode conter outros bacilos, bactérias ou microorganismos que causam doenças sexualmente transmissíveis (DSTs).

Portanto, a vasectomia evita a concepção, mas não a transmissão do HIV e de outras DSTs.

*Juan Carlos de Ia Concépcion
Clínico geral*

2) O preservativo é realmente um meio seguro de prevenção contra a AIDS? O vírus HIV passa através dos "poros" da camisinha?

Inúmeros estudos internacionais comprovam a eficácia do uso de preservativos na prevenção contra as doenças sexualmente transmissíveis (DSTs), inclusive a AIDS. Estas pesquisas, em geral, comparam grupos mais expostos ao risco de contraírem DSTs/AIDS que utilizam preservativos com outros que não usam regularmente. Todas estas pesquisas demonstram que a presença de DSTs e HIV/AIDS é infinitamente menor entre indivíduos que usam de maneira correta e regular a camisinha em todas as relações sexuais. Quanto aos "poros" da camisinha, o HIV tem aproximadamente 0,0001 mm de diâmetro, sendo maior que o vírus da hepatite B e menor que o vírus da herpes simples e o citomegalovírus.

Estudos utilizando microscopia eletrônica têm demonstra do superfícies irregulares nos preservativos, mas não foram observados "poros" propriamente ditos.

*Álvaro Matida
Diretor da Divisão de DST/AIDS da Secretaria de Estado
de Saúde do Rio de Janeiro*

DICAS PARA O USO CORRETO DO PRESERVATIVO

- Certifique-se que existe o selo (marca) do INMETRO na embalagem. Isto significa que o preservativo foi testado e aprovado.
- Observe na embalagem o prazo de validade. Todo preservativo bem condicionado tem validade de até 3 anos a partir da data de fabricação.
- Verifique se a embalagem está preservada, ou seja, se está sem rasgos ou vazamentos de lubrificante. **Se a embalagem não se apresentar nestas condições não use o preservativo!**
- O preservativo deve ser guardado em lugar fresco, longe da luz e da umidade, já que estes fatores podem contribuir para danificá-la.
- Evite abrir a embalagem com dentes ou unhas.
- Não desenrole o preservativo antes de usá-lo, porque dificulta a colocação.
- Nunca use lubrificantes à base de óleo nem utilize produtos como óleo de cozinha, azeite, manteiga, loção hidratante etc. porque esses produtos danificam o preservativo.

NOTÍCIAS DO CHILE

TIM FRASCA

Corporación Chilena de Prevención al SIDA

A presença de organizações homossexuais, trabalhadoras sexuais e grupos de base comunitária mudou a dinâmica do X Congresso Latino-Americano de Doenças Sexualmente Transmissíveis e da IV Conferência Pan-Americana de AIDS, que aconteceram em Santiago do Chile em novembro de 1995.

A União Latino-Americana contra as Doenças Sexualmente Transmissíveis (ULACETS) ampliou sua convocatória para incluir os agentes comunitários e sair do enfoque exclusivamente biomédico dos congressos anteriores. A Fundação Ford e o Aidsmap/Family Health International forneceram recursos para facilitar a presença de representantes das ONGs e de pessoas com HIV/AIDS.

Fontes do comitê organizador do congresso informaram que os médicos e outros profissionais ficaram "impactados" com a presença aberta de grupos que, por costume, se mantêm nas sombras da "sociedade chilena - marcando, finalmente, a presença política dos afetados pela epidemia de HIV/AIDS nos congressos científicos realizados na América Latina.

Como destaque, as intervenções das trabalhadoras sexuais no painel organizado sobre elas, onde, estranhamente, nenhuma delas foi convidada a falar. Outro ponto a ser realçado foi a intervenção das pessoas com HIV/AIDS no ato final, participação não prevista no programa oficial.

Houve encontros paralelos anteriores ao próprio congresso, incluindo uma jornada do Conselho Regional Latino-Americano do International Council of AIDS Service Organizations (ICASO) e outra do grupo de trabalho sobre AIDS da Associação Internacional de Gays e Lésbicas (ILGA). A coordenação regional do Global Network of People Living with HIV/AIDS (GNP+) também aproveitou a presença de muitos de seus delegados para fazer uma reunião de planificação.

Além disso, o Instituto PANOS organizou uma oficina prévia para jornalistas de Honduras, El Salvador, Costa Rica, Brasil, Equador, Peru, México e Bolívia.

Lamentavelmente, a imprensa local pouco informou sobre o evento, com exceção da breve visita do Dr. Luc Montagnier, do Instituto Pasteur, citado extensivamente nos jornais de Santiago por ser o descobridor do HIV.

Por sua parte, o governo do Chile enviou um funcionário pouco qualificado à cerimônia de abertura, o que foi interpretado por alguns como indício da pouca importância que o tema tem para as autoridades sanitárias do país.

O ponto alto do congresso, para os grupos comunitários e as ONGs, aconteceu nos encontros paralelos e nos debates sobre aspectos sociais da epidemia, incluindo a sexualidade no contexto latino-americano, a discriminação e os direitos humanos, as

relações cívico-governamentais, as políticas nacionais de saúde e o papel dos organismos multilaterais. O congresso contou, também, com a presença do Dr. Peter Piot, diretor do novo programa de AIDS das Nações Unidas (UNAIDS).

ENTRE O ATLÂNTICO E O PACÍFICO

VERIANO TERTO JÚNIOR

Coordenador da Área de Projetos da ABIA

De 14 a 23 de novembro passado a ABIA esteve em Santiago para participar de uma série de eventos relacionados à participação comunitária na luta contra a AIDS na América Latina. A presença da ABIA foi possível graças ao apoio do PN DST/ AIDS do Ministério da Saúde. Os primeiros dias foram dedicados às atividades dos eventos acima mencionados. Na ocasião, a ABIA participou de mesas-redondas e reuniões para o incentivo à comunicação e colaboração entre organizações do continente.

Após a conferência a equipe do projeto Prevenção à AIDS para Homens que Fazem Sexo com Homens (HSH), da ABIA, atendendo ao convite da Corporación Chilena de Prevención al SIDA (CCPS), deu prosseguimento ao programa de treinamento e intercâmbio planejado pela organização chilena. Semelhante ao realizado pela ABIA e pelo Grupo Pela VIDDA/SP entre 1993 e 1995 no Brasil, o projeto chileno prevê um conjunto de atividades, tais como intervenções nos locais de encontro homossexual, realização de oficinas e de uma ampla pesquisa para conhecer o que pensam os homossexuais chilenos sobre a AIDS e as formas de prevenção.

Na verdade, desde 1994 a ABIA e a CCPS vem estabelecendo laços de cooperação. Em janeiro de 1995, por exemplo, membros da CCPS e do Centro Lambda de Santiago estiveram no Brasil participando de seminários e visitando a ABIA.

Especificamente em relação ao projeto HSH, a ABIA, durante o treinamento, teve a oportunidade de repassar sua experiência, metodologias de pesquisa, de oficinas, de intervenção e avaliação, além de discutir nossos fracassos e acertos na implantação e administração do projeto. Vagner de Almeida conduziu uma oficina de sexo mais seguro com técnicas do teatro expressionista; exibimos e discutimos os vídeos produzidos pelo projeto; e Murilo Peixoto apresentou o questionário e os resultados da pesquisa, realizada pela ABIA e o Instituto de Medicina Social/UERJ, sobre atitudes e comportamentos dos homossexuais cariocas.

Um dos pontos mais importantes do treinamento foi a discussão sobre a homossexualidade nos dois países. Para a ABIA, uma oportunidade para conhecer a realidade chilena e o trabalho das organizações locais para responder ao HIV/AIDS e as situações de discriminação e repressão que vivenciam os homossexuais no Chile. Com esta iniciativa, esperamos estar contribuindo para o reforço das iniciativas comunitárias na América Latina e também para a luta por um tratamento mais digno à questão da AIDS e da homossexualidade no nosso continente.

OUTRAS PALAVRAS

MULHERES EM TEMPOS DE AIDS

Saúde Reprodutiva em Tempos de AIDS, um dos projetos que a ABIA vem desenvolvendo no momento, pretende analisar, desde diferentes perspectivas, questões relativas ao crescimento da epidemia de HIV / AIDS entre as mulheres, enfocando os fatores que contribuem para a vulnerabilidade das mulheres brasileiras frente à AIDS.

O projeto, apoiado pela Fundação Ford, tem por base um Grupo de Trabalho (GT), integrado por cerca de 10 profissionais das áreas de saúde ou social, atuando em institutos de pesquisa, serviços de saúde, ONGs/AIDS ou em grupos que trabalham com saúde reprodutiva. Esta composição do GT foi pensada de forma a criar/aprofundar redes de intercâmbio entre as diferentes entidades, permitindo, ao mesmo tempo, que cada um de seus integrantes possa ter uma visão mais abrangente sobre a epidemia' de HIV / AIDS entre as mulheres.

O GT tem reuniões mensais nas quais discute assuntos do interesse de seus integrantes, como pesquisas em andamento, publicações da ABIA relacionadas à mulher, ou ainda a organização de um seminário nacional, que será realizado nos dias 5 e 6 de maio de 1996, no Rio. Este seminário abordará temas como gênero e prevenção, AIDS pediátrica e panorama de pesquisas na área de mulher e AIDS, com a participação de especialistas de várias partes do Brasil.

CABARET PREVENÇÃO, O VÍDEO

Dia 15 de dezembro de 1995, a ABIA lançou o vídeo Cabaret Prevenção, de Vagner de Almeida, registro do espetáculo que levou cerca de 4 mil espectadores ao Teatro Alaska - tradicional reduto gay carioca - de janeiro a março de 95. O lançamento aconteceu na boate Le Boy (RJ), com uma grande festa, com a realização de vários esquetes.

Cabaret Prevenção é resultado da Oficina de Teatro Expressionista e Sexualidade e AIDS, desenvolvida pelo Projeto Prevenção à AIDS para Homens que Fazem Sexo com Homens (ABIA/Pela VIDDA-SP). Baseando-se nos princípios do teatro expressionista, onde os personagens e as emoções são desenvolvidos a partir da própria experiência do participante, esta oficina foi criada para funcionar como mais uma forma de prevenção à epidemia de HIV/AIDS.

Através de encontros semanais, com a média de 40 participantes atores não-profissionais - a Oficina trabalha com os principais temas cotidianos do universo de homens que fazem sexo

com homens, como preconceito no trabalho e na família, soropositividade, formas de prevenção, violência, homofobia, machismo etc.

Funcionando desde agosto de 1993 na ABIA, a oficina acabou dando seu primeiro fruto concreto: a realização do espetáculo Cabaret Prevenção, que procurou levar para o palco, de maneira bem-humorada ao mesmo tempo que reflexiva, a realidade cotidiana homossexual - ainda repleta de estigmas na sociedade brasileira e o impacto da epidemia da AIDS, através de esquetes escritos, encenados e produzidos pelos próprios participantes da Oficina.

Cabaret Prevenção, o vídeo, em seus trinta minutos de duração, registra os bastidores da Oficina, ensaios e trechos da peça, apresentando também depoimentos dos atores/equipe técnica e a opinião dos espectadores.

<p>ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA INTERDISCIPLINAR DE AIDS – ABIA Entidade de Utilidade Pública Federal, Estadual e Municipal</p> <p>Rua Sete de Setembro, 48/12º andar 20050-000 – Rio de Janeiro – RJ Tel: (021) 224-1654 – Fax: (021) 224-3414 E-mail: abia@ax.apc.org Internet: http://www.ibase.org.br/~abia</p> <p>A ABIA é uma organização não- governamental, cuja finalidade é promover a educação e a informação para a prevenção e controle da epidemia de HIV/AIDS.</p>	<p>EXPEDIENTE Boletim ABIA nº 30 Outubro/Dezembro de 1995 Tiragem: 20.000 exemplares Distribuição interna</p> <p>Presidente: Herbert de Souza Jornalista responsável: Mônica Teixeira - MT 15309</p> <p>CONSELHO EDITORIAL: Bia Salgueiro, Fernando Sá, Jane Galvão, José Marmo da Silva, Lisa Stuart, Richard Parker e Veriano Terto Jr.</p>	<p>Coordenação editorial e revisão: Jacinto Corrêa Programação visual e produção gráfica: A 4 Mãos LTDA Editoração eletrônica: Tanara de Souza Vieira/A 4 Mãos Fotolitos: Copifoto Impressão: MCR Gráfica</p> <p>DISTRIBUIÇÃO GRATUITA</p> <p>Este boletim foi financiado com recursos da EZE/Evangelische Zentralstelle Entwicklungshilfe e V.</p>
-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------